

Os impactos da Revolução Russa na imprensa anarquista de São Paulo

The impacts of the Russian revolution on the anarchist press of São Paulo

Vitor Ahagon

Mestre em História pela USP; membro da Biblioteca Terra Livre (S.P).

E-mail: prof.ahagon@gmail.com

Resumo: O texto é um estudo introdutório dos impactos da Revolução Russa na imprensa anarquista de São Paulo. Para tanto, recorreremos, principalmente, às fontes primárias da imprensa anarquista da República Velha e verificamos como que alguns militantes anarquistas, logo nos primeiros anos da Revolução, foram inflamados pelo otimismo, mas que, com a chegada de novas notícias da Rússia Bolchevique, mudam radicalmente de postura, forçando a militância a refletir sobre outra revolução para além do Estado.

Palavras-chave: Anarquismo. Revolução Russa. Movimento operário.

Abstract The text is an introductory study of the impacts of the Russian Revolution on the anarchist press of Sao Paulo. To this end, we draw primarily from the primary sources of the anarchist press in the Old Republic and see how some anarchist militants, in the early years of the Revolution, were inflamed by optimism, but with the arrival of new news from Bolshevik Russia, they radically change posture, forcing the militancy to reflect on another revolution beyond the state.

Keywords: Anarchism. Russian Revolution. Labor movement.

Introdução

Desde o final do século XIX no Brasil, a classe trabalhadora vinha se organizando em colônias, sociedades de socorros mútuos e sindicatos de resistência para o melhoramento de sua vida. Logo nos primeiros anos desse período, depois de intensas mobilizações e organização, o movimento operário se uniu entorno das orientações da Confederação Operária Brasileira, onde realizou seu primeiro congresso em 1906. A principal estratégia de organização e atuação era o *sindicalismo revolucionário*, animado pela *minoria ativa*¹ de militantes anarquistas, tais como Edgard Leuenroth, João Crispim, Neno Vasco e muitos outros. Tal organização tinha como principal objetivo acabar com o regime de exploração

¹ Segundo a Federação Anarquista do Rio de Janeiro, no texto “Nossa Concepção de Organização Anarquista”, a minoria ativa seria “um grupo de anarquistas que, organizados no nível político e ideológico, parte para as ações no nível social – movimentos sociais, sindicatos, etc. Neste trabalho, a organização de minoria ativa trabalha para influenciar os movimentos e lutas com os quais está envolvido, para que funcionem da forma mais libertária possível. Sempre que atua no nível social, a minoria ativa não busca posições de privilégio, não impõe sua vontade, não luta pelos movimentos sociais, mas sim com eles, por isso diferencia-se da “vanguarda” marxista-leninista. É assim, a ideologia dentro do movimento social e não o inverso.” A organização dos anarquistas do começo do século XX se dava à partir dos diversos jornais que fundaram. Disponível em <https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/textos-da-farj/nossa-concepcao-org-anarquista-farj/>

capitalista e de dominação do Estado. Por conta de seu intenso trabalho de organização da classe trabalhadora, seus militantes sofreram perseguições, deportações e muitos foram presos. Apesar da forte repressão sofrida pelo movimento operário e anarquista no final da década de 1910, o clima era de euforia e otimismo. Por um lado, essa confiança havia sido construída a partir de diversas greves e manifestações feitas pelo movimento operário; por outro, e principalmente, a classe operária se encontrava exortada pelo advento da Revolução Russa em 1917. Este texto tem como proposta um estudo introdutório à maneira que os militantes anarquistas no Brasil elogiaram e criticaram este que foi um dos maiores acontecimentos da história contemporânea, A Revolução Russa.²

Tempos de Otimismo

Nos anos 1900, o movimento operário realizou uma série de greves, sendo a primeira delas em 1901 dos “trabalhadores de pedreira, tendo em vista a redução da jornada de diária de 12 para 10 horas, [e que] terminou em triunfo completo” (DULLES, 1973, p.26), seguidas de diversas outras. A partir dessas movimentações e organização dos trabalhadores, como já dissemos, em 1906 foi realizado o primeiro congresso da Confederação Operário Brasileira (C.O.B.) e o movimento começou a se organizar de maneira mais sistemática em sindicatos e federações. O movimento reivindicatório entrou em declínio em 1908, devido à forte crise econômica global que gerou medo nos trabalhadores pelo desemprego.

Durante os anos de 1911 a 1914, o movimento operário iniciou sua reorganização. Diversas agitações foram feitas em benefício dos trabalhadores tendo algumas vitórias, como o aumento salarial dos sapateiros no Rio de Janeiro (Idem, p.30). Durante esse meio tempo, foi realizado o segundo congresso da C.O.B. em 1913, aprofundando o debate em torno da organização. As agitações encampadas pelos trabalhadores retrocede no ano de 1914 em decorrência de nova recessão econômica, agora promovida pela primeira guerra mundial. O pessimismo tomou conta daqueles que buscavam organizar a classe operária, como foi o caso do militante anarquista, educador e sindicalista Adelino de Pinho³:

A vida econômica é um descalabro como consequências de descalabros de toda ordem, anteriores e simultâneos. Todo mundo se queixa da falta de dinheiro:

² Para um aprofundamento da recepção da Revolução Russa no Brasil, em especial àquela dos anarquistas, ver George Fellipe Zeidan Vilela Araújo, “O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista uruguaio” (2012); Rafael Benedito de Souza, “A Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro” (2016); Edilene Toledo, “Um ano extraordinário: greves, revoltas e circulação de ideias no Brasil em 1917” (2017); Edson Passetti, “Os anarquistas na revolução russa (anotações libertárias)” (2017); Iamara Silva Andrade, “Ecos da revolução russa na imprensa brasileira” (2017).

³ Adelino Tavares de Pinho nasceu no norte de Portugal. Foi guarda-livros e, posteriormente, professor. A militância anarquista teve início na cidade de São Paulo. Participou ativamente da implantação do Ensino Racionalista, idealizado por Francisco Ferrer, no Brasil. Juntamente com João Penteado e outros anarquistas, concretizou a fundação da Escola Moderna nº 1 como fruto da Campanha pró-Escola Moderna. Em 1912, inaugurou a Escola Moderna nº 2 e, durante os poucos anos de existência da iniciativa, dedicou-se exclusivamente a docência e a direção do estabelecimento libertário. Em 1919, com o fechamento da escola imposto pelo governo, foi para o interior mineiro e continuou sua dedicação ao magistério de base anarquista na então pequena Poços de Caldas. Continuou a participar do movimento anarquista, escrevendo para periódicos libertários com o pseudônimo de Pinho de Riga e de Demócrito. Em 1953 participou do congresso anarquista realizado na Urca, depois viveu na *Nossa Chácara*, local nas proximidades da cidade de São Paulo que foi utilizada para abrigar, congregar e reunir anarquistas em vários momentos do século XX. Pela escassez de documentos, não foi possível determinar as datas de nascimento e morte. Verbete elaborado por José Damiro de Moraes, disponível em http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_b_adelino_tavares_de_pinho.htm

comércio e industriais paralisados; uma falta pavorosa de iniciativas particulares e, como necessária e inevitável consequência, milhares e milhares de operários e suas famílias sem pão, sem teto e sem lar, porque o operário é o bode expiatório de todos os descabros (A Rebelião, São Paulo, n.1, 01-05-1914).

Assim, Adelino encerra seu texto com a sombria pergunta:

Será tempo de reunir os elementos dispersos, de chamar a cerrar fileiras todos os que pensam que esta vida é a pior das vidas, de fazer uma propaganda sistemática das ideias que acalentamos e que julgamos trazer solução ao problema da miséria em que a humanidade vegeta? (A Rebelião, São Paulo, n.1, 01-05-1914)

Nos anos seguintes, parece que o movimento operário responde à pergunta de Adelino de maneira positiva, pois no ano de 1917 explodiu a Greve Geral em São Paulo. As experiências da greve junto aos acontecimentos da Rússia revolucionária fizeram com que o movimento operário e anarquista ganhasse novo fôlego. Por isso, a despeito da repressão que se seguiu à greve geral, os anarquistas se encontravam mergulhados no entusiasmo. A esse respeito, escreve o historiador Alexandre Samis:

Para os anarquistas, o grande evento da Rússia configurava, ao menos nos primeiros anos, a possibilidade de uma conjugação de esforços entre tendências revolucionárias nem sempre afinadas. As divergências em relação aos métodos do marxismo-leninismo passaram ao largo da imagem otimista presentes nas primeiras notícias que chegaram ao Brasil. (SAMIS, 2002, p.24)

A possibilidade de uma conjugação de esforços entre as mais diferentes tendências socialistas de matiz revolucionária pode ser observada nas palavras do anarquista italiano Gigi Damiani em artigo publicado pelo jornal A Plebe, “Anarchistas, socialistas e sindicalistas poderão constituir um único organismo revolucionário sem que haja na luta dispersão de energia ou esforço contraditório?” (Jornal A Plebe, n.6, 29-03-1919). Segundo Damiani, antes daquele contexto histórico a resposta seria certamente negativa, devido as diferenças estratégias adotadas por cada uma dessas correntes do socialismo. No entanto, diante dessa nova conjuntura, tudo havia mudado. O próprio problema havia mudado diante de tal situação:

Agora, o dilema que nos apresenta a debate da sociedade burguesa é este: pelo socialismo ou contra o socialismo.

Anarquistas, socialistas e sindicalistas somos todos pela socialização *imediate* da propriedade. E se somos todos **hoje**, não vamos agora discutir porque ontem não o éramos todos. Seria ocioso.

Hoje ha um ponto, e essencial, no qual anarquistas e socialistas (refiro-me aos socialistas que creem no socialismo e não nos cataplasmas em pernas de pau) encontramos-nos sob o mesmo ponto de vista.

E se isto não é tudo, é já muito (SAMIS, 2002, p.24).

Para alguns militantes, tal suspensão de diferenças de métodos chegou ao ponto de ser, inclusive, uma relativização dos próprios princípios do anarquismo. Essa foi a postura do anarquista russo A.L. Gordin expressa em uma brochura intitulada *O Anarchismo Universalista*. Fragmentos do texto foram publicados no jornal A Plebe em 11 de junho de 1921, na sessão *Momento Internacional*. Acerca da ditadura do proletariado, Gordin escreveu:

Em período de transição do capitalismo e do Estatismo ao universalismo libertário, nós admitimos a ditadura, quer dizer, o exclusivismo, a unidade, o absolutismo dos oprimidos combatendo para emancipar-se. Não pode haver questão, durante a luta, de criar instituições dirigentes comuns aos explorados e exploradores. Para os exploradores e espoliadores é necessária a autoridade, isto é, a vontade, a compreensão, o absolutismo dos trabalhadores antes oprimidos. Os elementos espoliadores e parasitas devem ser privados de todos os direitos e privilégios isolados, esmagados. Não se pode, logo após a expropriação, considerar as antigas classes superiores como politicamente iguais aos antigos explorados (A Plebe, São Paulo, n.121, 11-06-1921).

Para os editores d'A Plebe, Gordin foi um verdadeiro revolucionário combatente das jornadas de fevereiro e outubro, sendo por duas vezes ferido ao lado dos “bolchevistas”. No transcurso da revolução, se colocou contrário aos comunistas e os combateu publicando panfletos, livros, textos em jornais e pela tribuna dos Sovietes em Moscou. Porém, os editores d'A Plebe consideraram que as conclusões de Gordin “se afastam sensivelmente da tradição libertária; que os antigos universalistas⁴ não se apegam mais ao velho federalismo jurassiano; [e] que admitem o princípio da ditadura revolucionária”(A Plebe, São Paulo, n.121, 11-06-1921).

Apesar da Plebe contrariar a postura adotada por Gordin, a publicação de seu texto nos revela o quanto os anarquistas no Brasil, por um lado, se preocupavam com os caminhos que a revolução estava tomando e, por outro, mostravam o entusiasmo e inspiração que este acontecimento lhes causavam.

Essa atmosfera de otimismo também contaminou Adelino de Pinho, que, como vimos, há quatro anos antes estava mergulhado no desespero. Foi justamente o entusiasmo da Rússia revolucionária que o inspirou a escrever diversos artigos a favor da revolução. No dia 7 de junho de 1919, publicou pel'A Plebe o texto, de sugestivo nome, “O Momento”.

O momento histórico que atravessamos, estes dias que vamos vivendo uns, vegetando outros, são o período mais fecundo, de mais radiosas esperanças que jamais a humanidade tenha vivido. Nunca um período histórico se apresentou mais cheios de promessas, mais rico de consequências úteis para o povo, mais prenhe de resultados frutíferos para as classes populares (A Plebe, São Paulo, n.16, 7-6-1919).

Os governantes, para Adelino, estavam confusos e não sabiam o que fazer diante da apoteose do movimento revolucionário russo. As agitações que a revolução causou nas massas operárias provocavam medo em todos aqueles que ocupavam algum cargo de poder. As ideias de reconstrução social haviam se enraizado na mentalidade dos operários de todo o mundo, o momento seria a da passagem da “utopia à realidade” (A Plebe, São Paulo, n.3, ano II, 8-3-1919)

Todos os esforços despendidos pelos apóstolos socialistas e anarquistas nestes últimos cinquenta anos, todas as suas lutas pela palavra e pela imprensa, todas as perseguições que sofreram, deportações, desterros e cadeia com que esta sociedade lavadraz os tornou vítimas, todos os epítetos depreciativos e injuriosos com que a imprensa os caluniou (...) tudo isto não obstou ao triunfo de tão levantados ideais nem impediu nem talvez retardou o seu completo desabrochamento; e de todos aqueles esforços despendidos, (...) nada se perdeu, e

⁴ Grupo anarquista russo do qual Gordin fazia parte.

chegou o dia em que se vão colher os frutos da liberdade e da igualdade humana (A Plebe, São Paulo, n.3, ano II, 8-3-1919).

Em 1920, Adelino de Pinho lançou um panfleto intitulado “Quem não trabalha, não come”. Assim como os artigos anteriores, o texto havia sido inspirado pela Revolução Russa, mais especificamente, no artigo 18 da República dos Soviéticos, onde a sentença que levava o nome do panfleto era proclamada.

Aquela desconfiança e descrença que as massas trabalhadoras mantinham em face as nossas afirmações revolucionárias de transformação como se evaporaram diante do Sol radioso da Revolução Russa que com seus jorros de luz e liberdade nos fornecia um fato concreto e tangível de renovação social, uma afirmação peremptória e concludente de que é possível estabelecer um estado social onde todos compartilhem do trabalho são e útil, tornando-se também extensivo a todos os gozos, e os frutos desse trabalho, a todos sendo acessíveis os produtos do campo e da oficina, da escola e do teatro, do subsolo e da atmosfera sem outra medida além das necessidades dos seres, de acordo com as da coletividade (...) Por consequência, bem andaram os revolucionários russos em inscrever em sua Constituição em letras de ouro já hoje imorredouras aquele disco simples, mas formidável, ameaça e admoestação à casta parasitária do universo: QUEM NÃO TRABALHA NÃO COME! (PINHO, 2012, p.51)

Podemos dizer que tais colocações de Adelino buscou relativizar alguns dos pressupostos essenciais da filosofia política anarquista: a existência do Estado como órgão regulador da sociedade. No entanto, os anarquistas que viveram este período viam nos soviéticos não um governo, tal como entendiam o Estado, mas sim uma organização criada pelos próprios trabalhadores russos, que tinha muitos aspectos semelhantes ao sindicalismo praticado em diversas partes do mundo. Como escreveu o historiador Alexandre Samis,

a República dos Soviéticos contemplava, sob vários aspectos, as expectativas com relação à organização federalista e comunista libertária. À figura de Lenin, associada ao esforço estratégico de “todo o poder aos soviéticos”⁵, somaram-se as esperanças de um projeto mais amplo de socialismo. No léxico revolucionário brasileiro da segunda metade da década de 10, as prédicas anarquistas harmonizavam-se com a ideia do comunismo revolucionário. (2002, p.24)

De forma indireta, as discussões sobre a Revolução Russa sob essa perspectiva otimista, permite-nos considerar dois pontos essenciais na concepção estratégica e da forma de organização do poder político dos militantes anarquistas. Em primeiro lugar, era claro para os anarquistas que a insurreição revolucionária se constrói a partir da aliança com os setores mais radicais das classes oprimidas. A Revolução, portanto, não é anarquista, mas anárquica em sua forma, respeitando a autonomia da classe operária em instituir-se sob as bases da liberdade e solidariedade. Em segundo lugar, os militantes anarquistas pensavam que essa capacidade instituinte dos oprimidos só poderia ganhar formas autônomas a partir da organização do poder político de baixo para cima e os Soviéticos eram interpretados por esses militantes como essa organização.

⁵ Nas *Teses de abril*, Vladimir Ilich Ulianov [Lenin] defendeu os soviéticos como base para a tomada do poder em 1917 contrariando sua visão anterior em: *Duas táticas da Social-democracia na revolução democrática*, texto no qual afirmava que os soviéticos pertenciam a um “passado remoto”. Maurício Tragtenberg. *A Revolução Russa*. São Paulo: Atual, 1988, p.100.

Tempos de Divergências e Críticas

Na medida em que algumas informações passaram a circular no meio revolucionário por meio das publicações de militantes importantes, tais como de Emma Goldman, a aparente harmonia foi se transformando, paulatinamente, em divergências e críticas.

A militante Emma Goldman toma parte nas discussões e, após visita à Rússia no ano de 1921, quando observou as perseguições e controle ditatorial vigente no país, escreve artigos com severas críticas ao regime bolchevique e à “ditadura do proletariado”.⁶ (BRAGA, 2013, p.160)

Nesse mesmo período, também chegavam ao Brasil notícias sobre o massacre dos marinheiros de Kronstad e a repressão ao movimento revolucionário makhnovista pelo exército vermelho, ambos de forte inspiração anarquista.⁷ Essas informações alteraram sensivelmente a maneira como os anarquistas no Brasil enxergavam a Revolução Russa. Apesar de alguns militantes anarquistas deixarem a via libertária e entrar às fileiras do comunismo bolchevique, como foi o caso dos fundadores do PCB, muitos deles buscaram firmar os princípios anarquistas diante da ciência daqueles novos fatos, sendo mais evidentes no ano de 1921. Neste ano, diversos anarquistas se juntaram e formaram o *Centro Libertário Terra Livre*, seu manifesto-programa foi publicado no jornal *A Plebe* em 18 de março de 1922. A razão para a publicação deste texto era a de que

as condições dispersivas que, desde algum tempo, têm prejudicado o movimento anarquista deste país, ao mesmo tempo que se manifestam aqui os reflexos de certas tendências confusionistas verificadas no seio do proletariado e no meio revolucionário mundial, fizeram com que um grupo de libertários de São Paulo se reunisse para trocar ideias e assentar um plano de ação a ser empregado no sentido de desenvolver o trabalho tendente a reativar e dar maior vigor à nossa obra (*A Plebe*, São Paulo, n.177, 18-03-1922).

Claramente, as “tendências confusionistas” às quais o manifesto se referia dizia respeito à postura dos bolcheviques diante da Revolução Russa. Os anarquistas de São Paulo, ao analisarem a conjuntura mundial e as específicas do Brasil e de São Paulo, perceberam que o movimento anarquista carecia de um “trabalho sério de metodização, para que possa fazer frente aos fortes partidos que, com nuances diversas lutam para conservar ou reformar apenas as instituições vigentes” (Idem).

Essa metodização foi expressa no manifesto, esclarecendo quais eram as posturas dos anarquistas em relação aos critérios econômico e político, assim como seus métodos de ação dentro e fora dos sindicatos, e no decorrer do texto verificam-se algumas das críticas ao governo soviético.

Tomamos o nome de anarquistas ou libertários, porque somos inimigos do Estado, isto é, do conjunto de instituições políticas que tem por fim impor, a todos, os seus interesses e a sua vontade mascarada ou não com a vontade popular.

⁶ Para relato completo de Emma Goldman sobre a Rússia Bolchevique, ver GOLDMAN, Emma. *Minha Desilusão na Rússia – Vol.1*, editora Biblioteca Terra Livre, 2017.

⁷ Para saber mais dos acontecimentos de Kronstad e a Makhnovichina, ver TRAGTENBERG, 2008

Constituindo por si mesmo uma classe privilegiada, o Estado, no caso de substituir depois de suprimida a classe burguesa, seria levado pela necessidade da própria conservação a restabelecer o privilegio, criando um partido seu, interessado em o sustentar, mesmo atentando contra os direitos da coletividade (A Plebe, São Paulo, n.177, 18-03-1922).

No programa-manifesto também foram discutidas as relações dos militantes anarquistas “com as demais facções político sociais”. A postura frente seus adversários políticos foi a de afirmar, de maneira *intransigente*, os princípios libertários, sem se preocupar com as hostilidades que poderiam acontecer. Portanto, os militantes anarquistas se colocavam frente aos sindicalistas, socialistas e comunistas de forma antagônica àquela que haviam pregado anteriormente, ou seja, se antes buscavam a união de todos os socialistas, relativizando em muitos casos os princípios de suas doutrinas, a partir de 1921-1922, procuravam firmar seus princípios mostrando as diferenças entre uma e outra tendência, podendo chegar ao limite da hostilidade.

No manifesto, o Centro Libertário Terra Livre entendeu que o governo dos soviets foi constituído a partir da ausência de uma organização econômica eficiente que gerisse a produção e o consumo, como havia em diversos outros países. Por isso, os “comunistas-marxistas”, se aproveitando desse vazio organizacional, tomaram o poder de Estado e instauraram a “ditadura de seu partido”.

Nesse período, podemos perceber que o movimento anarquista de São Paulo reavalia sua atuação militante frente às novas forças. Diferente das duas primeiras décadas do século XX, quando a corrente anarquista era hegemônica dentro dos sindicatos, os anarquistas do Centro Libertário Terra Livre perceberam a necessidade de se construir uma *organização especificamente anarquista*, pois agora a disputa entre anarquistas, sindicalistas “puros”, socialistas, pelegos e, principalmente, comunistas era maior.

Os militantes do Centro Libertário Terra Livre entendiam, assim como o anarquista italiano Errico Malatesta, por esta organização específica anarquista o “conjunto daqueles que querem contribuir para realizar a anarquia, e que, por consequência, precisam fixar um objetivo a alcançar e um caminho a percorrer”, superando a natureza essencialmente reformista do sindicato, deixando de ser uma organização puramente econômica “para se tornar grupo político fundado sobre um ideal”, mas “aberto a todas as correntes de ideias tomando parte em todos os aspectos da vida social, econômica e moral” (MALATESTA, 2007, p. 53)

Assinaram o manifesto-programa os anarquistas Edgard Leuenroth, Rodolpho Felipe, Antonio Domingues, Ricardo Cipolla, Antonio Cordon Filho, Emilio Martins, João Peres, José Rodrigues e João Penteado.

Como vimos anteriormente, Adelino de Pinho foi um grande entusiasta da Revolução Russa, mas sua postura mudou radicalmente após o lançamento do manifesto programa da Terra Livre. No número 189 do jornal A Plebe, de 26 de agosto de 1922, escreve uma resenha de um livro, publicado em francês, no qual conta a história de um militante que, ao visitar “o país dos soviets”, foi preso por discordar dos rumos que a Revolução havia tomado. De dentro das entranhas da prisão, a personagem discorre sobre os horrores pelo qual passou, revelando a face cruel do regime bolchevique. (A Plebe, São Paulo, n.189, 26-8-1922).

Sob o pseudônimo de Demócrito, Adelino de Pinho escreveu o texto “Os infames processos”. Nesse artigo, refletiu sobre a natureza do poder político partindo de uma perspectiva libertária, e, assim como o manifesto-programa do Circulo Libertário Terra Livre, considerava que mesmo os mais devotos e revolucionários, uma vez tendo o poder político em mãos, fraquejariam e se deixariam levar por interesses escusos ou particulares,

a mesma prédica que havia feito Mikhail Bakunin nos anos 1860. Utilizando como exemplo a Revolução Russa, analisou como que os bolcheviques conduziram o processo incorporando seus adversários políticos ou os eliminando. (A Plebe, São Paulo, n. 199, 20-12-1922).

Em 27 de maio de 1922, Adelino escreveu para A Plebe o artigo “Reflexões necessárias”. Comentou que, em conferência, reproduzida no jornal A Voz do Povo, de 1 de maio daquele mesmo ano, proferida no sindicato da Construção Civil, o ex-anarquista Octavio Brandão declarou que seu ideal seria a conciliação entre Marx e Bakunin, entre Lenin e Kropotkin, entre o centralismo e o federalismo. Para Adelino, tal conciliação era simplesmente inconcebível, pois os militantes libertários e comunistas-marxistas seriam

simples continuadores das theorias desses gigantes, não podemos conciliar os pontos que eles mesmos demonstraram ser irreductíveis, oppostos, contradictórios. É sabida a lueta travada no seio da Internacional entre Marx e Bakunine, cujo o centralismo e o federalismo mutuamente se repeliam. É conhecida também a intolerancia dos marxistas para com as theorias libertárias e o próprio Marx acabou por expulsar da Internacional Bakunine e seus adeptos, por julgar perniciosos sosurto de suas ideias e de suas ambições.

Agora mesmo, na Russia, com a caça que Lenine e seus apaniguados dão aos elementos anarchistas, às suas iniciativas e à sua propaganda, bem se concebe a impossibilidade de estabelecer accordo, harmonia. Fallar em conciliar Lenine e Kropotkine, quando aquelle impede até a publicação das obras deste, é o cumulo da ingenuidade.

E tanto não se concebe tal accordo, tal conciliação, que os bolchevistas brasileiros precisaram formar partido à parte, fora do anarchismo, tão disparatada seria a união, o casamento de elementos tão heterogeneos. Paz entre nós! É verdade que seria desejável. Mas nós não temos culpa dos desvios, das rectificações, das contradicções dos outros. Nós estamos onde sempre estivemos. A luta, a confusão, o desacordo não surgiu do nosso meio (A Plebe, São Paulo, n.182, 27-5-1922).

Esse “confusionismo” que os bolcheviques brasileiros realizavam, ao associar ideias que, para Adelino, eram tão díspares, tinha uma intencionalidade política. Na medida em que os anarquistas tinham grande influência no movimento operário, tanto em ideias quanto em organização, a estratégia adotada pelos comunistas foi a de associar, num primeiro momento, as doutrinas políticas, para poder cooptar aqueles que viam na Revolução Russa a grande salvação da classe proletária. Em certa medida, tal estratégia deu certo.

Pelo exposto bem se compreende a razão que nos assistem nossas críticas à propaganda e à vida do bolchevismo. Ficar calados, não reagir, era correr o risco de sermos absorvidos; e nem os bolchevistas desejam outra coisa que atrelar-nos ao carro de suas ambições e desejos (A Plebe, São Paulo, n.182, 27-5-1922).

Por fim, o que se deveria esclarecer aos leitores d'A Plebe eram as diferenças das propostas de organização social de comunistas e anarquistas. Para Adelino, os comunistas propunham a “dictadura tão mal baptisada de proletaria”, pois esta não beneficiava, de fato, o trabalhador, mas sim uma nova elite, àqueles que faziam parte da alta cúpula do partido comunista. Por isso, se o Estado engendra novos dominadores, o papel dos anarquistas consistiria em

coordenar todos os elementos dispersos e esforçarmo-nos por lhes esprimir a significação do momento presente e a necessidade que todos os anarchistas tem

de estudar todos os problemas no tapete da discussão e que exigem solução imediata e racional: problemas de produção, de repartição ou distribuição; problemas de estatística e de troca de productos; meios de uma nação se bastar a si mesma, dado o caso de um bloqueio ou de um boicote internacional; procurar meios de manter relações com grupos afins de todo o mundo; publicação em grande escala de folhetos elucidativos das questões em debate e a resolver; criar nucleos de resistencia em todos os lugares possíveis, etc. (A Plebe, São Paulo, n.182, 27-5-1922).

As reflexões que Adelino de Pinho considerava mais necessárias, naquele contexto, eram a *autogestão* de campos, fábricas, oficinas e indústrias, abastecendo toda a população de uma região e de um país, mesmo em uma situação revolucionária; a busca pela construção de meios de difusão das ideias de transformações sociais; e também, a criação de órgãos de resistência dentro e fora do país que estivessem em constante comunicação, tencionando em direção a um processo revolucionário internacional. Portanto, Adelino sentia a necessidade de se refletir a sociedade do presente e do porvir sem a presença de um Estado, afirmando agora e sempre a Anarquia!

Jornais

A Plebe, São Paulo, 1919-1922

A Rebelião, São Paulo, 1914

Referências

ARAUJO, George F. Z. L. *O impacto da Revolução Russa no movimento anarquista Uruguaio (1917-1921)*. Dissertação de mestrado da UFMG. Disponível em http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-92JGSR/disserta__o_george_ara_jo.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 de ago. 2019

ANDRADE, Iamara S. *Ecos da Revolução Russa na imprensa brasileira*. *Revista História e Cultura*, São Paulo, v.6 n.1, 2017.

BRAGA, Francisco Victor Pereira. *Pedro Augusto Motta: militância libertária e verbo de fogo*. Dissertação de mestrado em história, UFC, 2013.

DULLES, John W. Foster. *Anarquistas e comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1973.

FARJ. *Nossa concepção de organização anarquista*. Disponível em <https://anarquismorj.wordpress.com/textos-e-documentos/textos-da-farj/nossa-concepcao-org-anarquista-farj/>. Acesso em: 10 de ago. 2019

MALATESTA, Errico. *Escritos revolucionários*. São Paulo: Imaginário, 2007.

PASSETTI, Edson. *Os anarquistas na Revolução Russa (anotações libertárias)*. *Revista Ecológica São Paulo*, n.19, 2017.

PINHO, Adelino Tavares de. *Pela Educação e Pelo Trabalho e outros escritos*. São Paulo: Editora Biblioteca Terra Livre, 2012.

SAMIS, Alexandre. *Clevelândia: anarquismo, sindicalismo e repressão política no Brasil*. Rio de Janeiro: Achiamé; São Paulo: Imaginário, 2002.

SOUZA, Rafael B. De. *A Revolução Russa nos jornais anarquistas do Rio de Janeiro (1917-1922)*. Dissertação de mestrado da UFRRJ. Disponível em <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1866>. Acesso em: 10 de ago. 2019

RODRIGUES, Edgard. *Os Companheiros 1*. [s.l.]: editor Insular, 1997.

TOLEDO, Edilene. Um ano extraordinário: Greves, Revoltas e Circulação de ideias no Brasil em 1917. *Revista Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, vol.30, n.61, 2017.

TRAGTENBERGM, Maurício. *A Revolução Russa*. São Paulo: Atual, 1988.